

O DESEJO NA MASCULINIDADE: UMA SUBVERSÃO NO CONTEMPORÂNEO?¹

THE DESIRE OF MANLINESS: A SUBVERSION IN THE CONTEMPORARY?

Carlos Alberto Severo Garcia Junior² e Marcos Pippi de Medeiros³

RESUMO

No presente trabalho investiga-se a constituição do desejo na masculinidade, através da teoria psicanalítica acerca do desenvolvimento subjetivo contemporâneo. Diante disso, relaciona o complexo de Édipo com a masculinidade, além de verificar a importância da função paterna nesta inscrição psíquica. A ideia de desenvolver um estudo voltado para a masculinidade possibilita refletir a respeito de sua alteridade no contorno social, familiar e individual ao longo dos tempos. Com base nesta proposição, a opção metodológica configura-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, pois tem a finalidade de procurar conhecer e analisar os aportes científicos e culturais sobre o tema, bem como a qualidade da exploração teórica. Afinal, o desejo representa uma ânsia pelo retorno da experiência emocional ligada às figuras parentais, ou seja, reside sobre um amor insustentável e um caminho de angústias para as conjunturas da indicação masculina.

Palavras-chave: masculinidade, função paterna, complexo de Édipo, desejo.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the constitution of desire in manliness, from the point of view of the psychoanalysis theory based on the contemporary subjectivity development. The Oedipus complex is related to manliness, and it also aimed to verify the father value in this psychological process. The idea of developing a study focuses on manliness allows us to reflect upon its possibilities of psychological change in the social, familiar, and individual manner through the years. Based on this proposal, the chosen method is fundamented on a bibliographic research, since its purpose is to gather knowledge and analyze the scientific and cultural support on the subject, as well as the quality of the theory exploration. The desire represents an urge for the return to the emotional experience associated

¹ Trabalho Final de Graduação – TFG.

² Acadêmico do Curso de Psicologia – UNIFRA.

³ Orientador – UNIFRA.

to parent figures, in other words, it relies on an impossible love and a path of anguishes for manliness conjectures.

Key words: *manliness, father's role, Oedipus complex, desire.*

INTRODUÇÃO

O ser humano é movido por desejos. O desejo pode ser um sentimento em constante transformação, aflorando a todo o momento, sofrendo alterações sucessivas e sujeitando-se a mudanças por variadas razões. Na busca da satisfação dos desejos, os sentidos corporais são relevantes não só para a identificação como para o processo de transformação dos desejos. Este revela um aspecto subjetivo e a sua exploração subjetiva refere-se a uma interpretação singular e indireta.

Os seres humanos, caracterizados como homens e mulheres, apresentam distinções em suas constituições subjetivas. Em primeiro lugar, a qualidade de ser homem ou mulher refere-se a um estado biológico, determinado por uma diferença de *sexo*. Enquanto isso, masculinidade e feminilidade referem-se à conjuntura psicológica, definida como *gênero*. Nesse sentido, explorar questões de sexo contraria as questões de gênero. Acima de tudo, sexual, aqui não se refere diretamente a sexo, o sexo serve tão somente para diferenciar machos e fêmeas quanto aos seus órgãos genitais. Sexual refere-se ao gênero, ou seja, a características substantivas que demarcam os sexos. Convém salientar isso, pois o estudo da sexualidade é um campo de infinitas discussões já que o conjunto biológico não reduz o campo psicológico de exploração.

A contemporaneidade, tendo em vista as constantes transformações da sociedade, apresenta distintas configurações no âmbito social, econômico e cultural. Isso intensifica também as mudanças no campo subjetivo da sexualidade. As transformações constantes no âmbito social ocasionam diferentes sentidos para a questão do gênero masculino e feminino. A cultura contemporânea propõe diversas interrogações. As mulheres deixaram de lado o limite dos afazeres domésticos e inseriram, progressivamente, suas insígnias no espaço público. Conseqüentemente, elas foram vestindo novas aspirações e assumindo lugares de prestígio social. A partir disso, o homem encontra-se em um ambiente transformado pela ocupação das mulheres e tem a marca de seus emblemas alterados. Assim, o homem “macho” perde sua referência. Está na condição de sujeito desejante, assim, pode produzir uma combinação variável de suas associações masculinas.

O aparecimento de reflexões ligadas às diferenças sexuais aprimora as investigações psíquicas, ou seja, os fenômenos subjetivos relativos aos

sujeitos. Aliado a isso, a identificação sexual considera o sujeito dentro da possibilidade de sustentar e “escolher” sua própria masculinidade ou feminilidade. Desse modo, tanto os homens quanto as mulheres podem encontrar aspectos masculinos e femininos em suas vidas. De maneira geral, a “ordem sexual” perpassa diretamente o desenvolvimento dos sujeitos e seus desejos.

De acordo com a história, o declínio comprovado da tradição patriarcal e o deslocamento do elemento viril produziram significativas vibrações que, em resposta, repercutiram sobre a masculinidade. As progressivas conquistas femininas no eixo social, político e econômico proporcionaram modificações na representação da imagem paterna apoiadas historicamente pelos atributos naturais das antigas constituições familiares. Manifestar sentimentos, valorizar o amor, os relacionamentos, cuidar da aparência etc. são algumas alterações enfrentadas pelo “novo homem” nas cidades. Assim, qual é e onde está o desejo na masculinidade em meio às mudanças da contemporaneidade?

Na referência da Psicanálise, o desejo adquiriu novas significações. O sujeito desejante estaria sempre implicado por um desejo socialmente inconfessável. Esse elemento, então, excita a contínua procura por algo que está sempre encoberto por um véu. A permanente inquietação decorrente do desejo (agradável ou aflitivo) pode reverberar na insuficiência de cada sujeito.

Neste estudo, tem-se o propósito de buscar uma reflexão crítica, por meio da teoria psicanalítica, acerca da constituição do desejo na masculinidade. De forma específica, pretende-se investigar o complexo de Édipo e sua relação com a masculinidade; além de verificar a importância da função paterna na inscrição psíquica da masculinidade. Por fim, deseja-se delinear a construção do conceito de desejo dentro da teoria psicanalítica, incluindo a representação de termos próprios da concepção lacaniana.

METODOLOGIA

O estudo presente, neste trabalho final de graduação, caracteriza-se como sendo uma pesquisa do tipo bibliográfico. A partir de uma revisão bibliográfica, o desígnio é compreender como a composição do desejo apresenta-se na masculinidade. Com base nesta proposição, optou-se por fazer uma pesquisa nesses parâmetros em função do tema estar direcionado sobre a constituição da masculinidade na contemporaneidade, privilegiando um curso atrelado a dúvidas acerca de uma interpretação psicanalítica sobre a configuração da masculinidade, a partir de seu desejo, sobre as reflexões atuais.

A pesquisa bibliográfica é um modelo de apresentação arbitrário. Seu desenvolvimento acontece baseado em material bibliográfico já elaborado, tendo sua composição em livros e artigos científicos. O benefício desse tipo de pesquisa volta-se para a qualidade, pois evita reproduzir fontes secundárias que possam apresentar dados ou processos equivocados, tendendo a produzir incoerências ou contradições (GIL, 2002).

A exploração do tema da masculinidade encontra uma reserva no levantamento bibliográfico que dificulta a procura de fontes sobre o assunto. O interesse de examinar as variações da configuração masculina e sua reverberação é um encontro do desejo de indagar as generalizações. Conforme Gil (2002), mesmo em áreas de conhecimento já exploradas, o interesse do pesquisador pode partir do objetivo de determinar, com maior especificidade, assuntos que acontecem, bem como a extensão desses.

O COMPLEXO DE ÉDIPO E SUAS REPRESENTAÇÕES

A lenda do Rei Édipo, de Sófocles, traduz um tema estrutural da proposta da psicanálise. No drama, a partir da teorização freudiana, o protagonista Édipo percorre um caminho trágico. Édipo mata seu pai e tem relações amorosas com a própria mãe. Desse modo, não suporta o horror de seus atos e cega os próprios olhos. A representação metafórica da conflitiva edípica acompanha a todos os sujeitos unidos pela cultura. Por isso, Freud interpreta, através do mito de Édipo, o desejo inconsciente dos meninos em possuir a mãe e livrar-se do pai, assim como as meninas sentem o desejo inconsciente de eliminar a mãe e possuir o pai.

Segundo Freud, o complexo de Édipo é uma expressão de dois desejos recalçados – desejo de incesto e desejo de matar o pai – ambos contidos nos dois tabus próprios do totemismo. Esses, classicamente, são conhecidos nas leituras psicanalíticas pelo interdito do incesto e pelo interdito de matar o pai-totem. Frequentemente, ambas as questões entrelaçam-se no arranjo da subjetividade psíquica. Existe também uma universalidade dentro da perspectiva do complexo edípiano, uma vez que é uma tradução psíquica dos dois grandes mitos fundadores da sociedade humana (ROUDINESCO, 2003).

O complexo de Édipo apresenta-se pré-enunciado pelo “Estádio de Espelho”. Conforme indica a teoria psicanalítica lacaniana, pode-se considerar o Estádio de Espelho como uma “experiência de identificação” que permite à criança reconhecer a imagem total do seu corpo. Situa-se entre os seis e os dezoito meses de idade, período caracterizado pela imaturidade do sistema nervoso. Com isso, a história da formação do “eu”

(*Moi, em francês*) acentua, por meio de um recorte uma breve definição de que “o estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação” (LACAN, 1998a, p. 100). Assim, sanciona a existência da criança a partir de um delineamento desvinculado do corpo da mãe.

O Estádio do Espelho, para Lacan (1998a), ocorre em três tempos: no primeiro, a criança percebe sua existência refletida no outro, ou seja, ela capta estímulos mundanos e os transpassa para seus gestos; no segundo tempo, a criança desmistifica a sua existência do outro real, para daí visualizar uma imagem apenas; e finalmente, no terceiro tempo, a criança “*re-conhece*” antecipadamente a totalidade de seu próprio corpo, conseguindo um reconhecimento pelo registro imaginário. Assim, a imagem do corpo é estruturante para a identidade do sujeito, pois por ela, realiza a identificação primordial.

A partir dessa exposição, pode-se adentrar nos três tempos do Complexo de Édipo. Segundo Lacan (1999), a representação edípica ocorre quando a criança já consegue “observar-se” como registrada em um corpo próprio, apesar da sua intimidade com a mãe. No primeiro momento do Édipo, a criança apresenta-se como um objeto que falta na mãe, ou seja, a criança está unida ao desejo desta. O que falta na mãe é o falo (*phallus*) e a criança está atrelada à problemática fálica que remete a “ser ou não ser o falo” materno. Essa relação, portanto, não é estanque, podendo oscilar em seus trâmites e, por vez, o comparecimento do pai ainda não é introduzido.

No segundo momento do Édipo, o pai adentra no jogo fusional entre mãe/filho e funda uma nova relação triangular. Desse modo, desloca a triangulação mãe-criança-falo para estabelecer um papel de interditor, ou seja, priva a mãe de seu objeto, representado pela criança. O pai toma um lugar com a mãe e não permite que “reste mãe” para a criança. A falta ocorre em nível real e o objeto é simbólico. A criança, então, vive nesse momento do Édipo uma forma de interdição e frustração. Ou seja, este mesmo pai interdita a satisfação do impulso e frustra a criança da mãe (LACAN, 1999).

O terceiro momento do Édipo é denominado como o “declínio do Complexo de Édipo”, segundo Lacan (1999). Nesse, o pai passa a impor um atributo fálico, provando, assim, que tem o falo. A partir disso, a marca da simbolização da lei reflete-se na criança de forma a aceitar não mais *ser* o falo para, então, tentar *ter* o falo e, por vez, acabar identificando-se com o pai. Disso resulta a representação da função paterna. Conseqüentemente, a mãe não possui o falo, mas pode desejar naquele que tem, então procura

o falo. Este está junto ao pai, que tem prioridade para com a mãe e, dessa forma, assegura a dialética do ter sobre o ser.

O complexo de Édipo metaforiza a conflitiva entre pai e filho pelo amor de uma mesma mulher. O pai, cumprindo sua função, efetua a incisão na fantasia incestuosa do filho, portanto, limita simbolicamente o alcance do desejo deste de ter a mãe. Isso produz outro efeito, o complexo de castração, cujo registro delimita a possibilidade de se perder o falo.

O medo da castração torna-se normatizante, uma vez que coíbe o incesto. Entretanto, ele prende o sujeito em uma posição de obediência ao pai, testemunhando que o Édipo não foi ultrapassado. Contrariamente, a ascensão da castração é o que possibilita a “falta que cria o desejo”, portanto, um desejo desmembrado ao ideal paterno (CHEMAMA, 1995).

Acrescenta-se a isso a trama entre complexo de Édipo e “Função Paterna”. Em psicanálise, a função paterna marca a entrada da lei na relação entre a criança e a mãe (KEHL, 2003) e ao interdito da relação incestuosa (que não se confunde com as responsabilidades legais e morais do genitor). Dessa forma, é preciso explicar como o complexo de Édipo interliga-se à função paterna, o que se tentará fazer no item a seguir.

A FUNÇÃO PATERNA: UMA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

Na modernidade, o singular passa a interessar a todos, uma vez que se apresenta um deslocamento da função paterna da autoridade. A existência humana acontece no seio de grupos e de organizações relativamente estáveis, enquanto se mantêm entre a presença do pai – representado por alguma figura de autoridade – os laços fraternos – encarnados em alguma forma de solidariedade (KEHL, 2000).

O declínio da função paterna adquire espaço através da ordem provocada pelo “outro anônimo”. Esta forma representa o modelo de sociedade estabelecido na atualidade: a do consumo. Kehl (2000) relaciona o lugar do pai a uma “alegoria congelada”, comparada à constituição paterna da noção ocidental, ou seja, não possui vigor para a manutenção do lugar da lei. Por isso, há o anonimato relacionado ao lugar paterno. A transitoriedade da dinâmica familiar na sociedade contemporânea revela suas “marcas” no cotidiano, sendo possível uma maior rotatividade de tempo e de espaço. Logo, a narrativa da temporalidade sobre a dimensão circular das origens da trajetória paterna e também sobre a ficção do pai transmite a posição aos sujeitos desejantes.

Na segunda metade do século XX, a família “hierárquica” deu início a uma nova configuração de modelo, antes organizado em torno do poder

patriarcal, tendo a distribuição do poder uma forma mais igualitária entre o homem e a mulher, e gradualmente, entre os pais e os filhos. Assim, a família consente uma significativa transformação - de uma sólida instituição para um agrupamento circunstancial e precário - tendo em sua base leis de afetos e de impulsos sexuais.

Nas famílias contemporâneas, segundo Kehl (2003), o “pátrio” progressivamente passa a ser espalhado entre vários adultos. Com isso, na constituição do sujeito, o pai de família moderno possui uma rivalidade inconsciente com os filhos ao fazer da transmissão do nome uma identidade. Ainda, filhos das famílias nucleares convivem com uma disputa permanente pelo lugar de identificação com o pai centralizador.

Enfim, talvez seja apropriado, neste momento, segundo Rickes (2005), denominar a função paterna como a transmissão de uma origem perdida, isto é, a trajetória de fatos e ficções na vida de cada um implica uma procura daquilo que não cessa de surgir, por isso, a sensação de impossibilidade, sobretudo no desdobramento da procura pela gênese infantil, pois nisso se inscrevem os “rastros” da trama ficcional do percurso edipiano. Por isso, a função garante um lugar de feitor.

A partir disso, questiona-se o emblema da masculinidade, que se apresenta desgastado e torna-se necessário saber quais são as diretrizes do masculino numa família desvinculada de um modelo patriarcal. Ou seja, quando a cabeceira da mesa deixa de ter apenas um dono e troca o velho formato quadrado para se tornar arredondada.

A MASCULINIDADE EM CRISE

A discussão sobre a diferença e a igualdade nas relações de gênero, nas mudanças da contemporaneidade, conflui-se no impacto da conjuntura masculina. Inicialmente, o termo “gênero”, segundo Araújo (2005), indica indivíduos com sexualidades diferentes (masculino/feminino) e constituídos a partir de relações sociais que valorizam as diferenças entre si. Historicamente, a masculinidade está intimamente relacionada à feminilidade, por isso observar a força do feminismo torna-se tão importante para analisar a “crise” da masculinidade. O projeto feminista - igualdade na diferença - pode contribuir nas mudanças nas relações de gênero, pois homens e mulheres foram capazes de se libertarem de estereótipos e de estabelecerem novas formas de relacionar-se e comportar-se. Conseqüentemente, isso resulta na necessária reconstrução do masculino. Com isto, a relação binária masculinidade/feminilidade apresenta diferentes desejos e tensões.

A crise da masculinidade surge como resultado de condições históricas decorrentes das alterações sociais, econômicas e culturais iniciadas no século XVII. Conforme Araújo (2005), o capitalismo, com sua evolução, abranda o patriarcado. O declínio gradual da função paterna proporciona à mulher ocupar espaço nas esferas públicas, para atender à demanda do mercado e da família. Logo, o homem encontra dificuldade em manter seu papel de único provedor. Em seguida, defronta-se com questões que interferem, diretamente, em suas vidas. Por exemplo, o método contraceptivo feminino (escolha pela procriação), a necessidade de dividir afazeres e as responsabilidades nas relações domésticas são características contemporâneas diferentes das encontradas no passado.

A psicanálise ilustra os obstáculos à sustentação da diferença sexual que, a princípio, se inscrevem nas fantasias infantis e ganham novos registros a cada experiência de castração, sem poupar homens nem mulheres. Dessa forma, Freud (1996b) esclarece que o complexo de castração pode inibir e limitar a masculinidade, bem como incentivar a feminilidade.

Os elementos, que cruzam em torno do complexo de Édipo e da ameaça de castração, em Freud, são os balizadores do movimento do sujeito masculino. O sujeito interposto pelas exigências sociais faz de sua leitura singular a coletividade de seus deveres, ou seja, espera cumprir um ideal impossível, uma vez que a assimetria entre singular e coletivo possibilita visualizar a coletividade incapaz de resolver a situação de cada homem. Ademais, o “pai morto” deixa um destino incerto para sua prole, afirma Pedó (2005).

Em *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*, Freud (1996a) diz que a criança cresce no ambiente familiar e consegue perceber o fato de a mãe “pertencer” ao pai. Os sentimentos de ternura pela mãe representam conseqüências para as escolhas objetais. A criança escuta dos pais que deve sua vida à deles, em seguida, internaliza o desejo de retribuir a oferenda e procura recompensá-los. O menino cria a fantasia, para mostrar sua gratidão, de um filho igual a ele próprio com sua mãe. Dessa forma, seu desejo inscreve a identificação completa com o pai. Portanto, as pulsões, desafios e afabilidade deparam-se no contentamento e desejo de ser o próprio pai.

A rivalidade e a hostilidade tecem a relação do menino com o pai, mas concomitantemente, o amor estabelece a essência da posição masculina. Na obra freudiana, essa afirmativa conserva-se fundamental e possibilita construções teóricas sobre a masculinidade. Conforme Pinho (2004), o menino contrai uma dívida com o pai por ter recebido o falo. Paradoxalmente, a herança permite um “logradouro” duplo. Primeiro,

aceita abrir mão da mãe e procurar, em outras direções, diferentes mulheres, para também estabelecer um arranjo feminino diante do pai, pois tem uma relação de amor com ele. Assim, no conjunto da dívida e no recalçamento de sua situação passiva, funda-se a inscrição psíquica da masculinidade.

A respeito disso, Kehl (1996a) comenta que a posição dos homens, na atualidade, expõe particularidades que assumem efeitos sobre o discurso social contemporâneo. Os homens enfrentam a recente “interpenetração” dos condados sociais, subvertidos pelas mulheres, com isso colocam em questão a própria identidade masculina. A mulher, conquistando propriedades masculinas na vida cotidiana, lança para o homem a feminização – a antiga ameaça – experimentada como perda. O homem, que um dia já foi filho, torna-se um projeto do inconsciente materno, já que, na ânsia de procurar alívio pela falta do objeto fálico, a mãe ajusta a imagem ideal buscada.

Independentemente do sexo, o masculino e o feminino apresentam formas definidas de acordo com as especificações particulares de cada um “residir” em seu corpo. Ambos posicionam de maneiras distintas seus objetos de prazer, isto é, encobrem e adornam o seu próprio gozo. Enquanto, na mulher, a preocupação não está com o outro, pois ela esconde de si mesma, propiciando o elemento misterioso no feminino. No homem, a possibilidade está em esconder-se aos olhos do outro e, conseqüentemente, dissimular e mascarar seus gestos, torna-se um flagrante. Assim, a mulher oferece o mistério e o homem desfaz o enigma e abafa as suas próprias perguntas (NASIO, 1993).

O DESEJO MASCULINO

Fontenelle (2004), no texto “Algumas questões sobre a masculinidade hoje”, consegue, em um pequeno espaço, remeter a uma discussão ampla e prudente. Pergunta: O que é o pai hoje? O que é o homem hoje? São dois significantes diferentes e justamente nessa diferença torna-se possível observar as mudanças providas pelos deslocamentos das funções e configurações de ambos ao longo dos séculos. Afirmo a autora que, “na atualidade, as funções de um homem não ganham nenhuma clareza em sua definição” (p. 22).

Desde a perspectiva de Freud, as aspirações sempre estiveram presentes e jamais realizadas no ser humano. A fantasia de atingir um objeto impossível constantemente está para ser alcançada. A felicidade absoluta está revestida de diversas imagens, dentre elas, a do prazer absoluto, derivado do incesto, estabelece algumas premissas. Esses anseios

ganharam o nome de “desejo” na psicanálise. Assim, o “corpo psíquico”, como suas zonas erógenas, torna-se receptáculo das pulsões libidinais.

Ao longo do século XX, a psicanálise expõe o inconsciente a uma íntima relação sobre a sexualidade humana e revela seu “comando” sobre o dígito da linguagem. Em virtude disso, os desejos inconscientes enunciam a sua revelação através da linguagem, logo, conforme Lacan, essa elucidação refere-se ao inconsciente estruturado como linguagem. A linguagem surge então como um artifício interminável, uma vez que, revelando-se pelo inconsciente, possibilita dentro da experiência humana trazer à tona um elemento de essencial entonação: o Desejo.

Um sujeito no mundo apresenta-se como causa de desejo de algo (satisfação, prazer, imortalidade, etc.) relacionado à presença dos pais. Desta maneira, a criança resulta do anseio parental. Pelos mais variados motivos, esses continuam a operar na criança após seu nascimento e isto, em grande parte, torna-se o advento responsável para constituir o sujeito dentro da linguagem. Assim, o desejo e a linguagem estão permeados e inconcebíveis ambos pela presença de cada um (FINK, 1998).

“O desejo está condenado a jamais ser satisfeito. Ele não se efetiva, ele jamais pode se tornar algo de real para o sujeito” (SANTUÁRIO, 2004, p. 90). Isso ocorre pela concepção de uma cadeia significante dirigida pela linguagem a um acesso infinito sobre representantes objetivos. Nesse sentido, o sujeito desejanse não cessa de ansiar por algo capaz de significar a busca interminável de ultrapassar os limites do prazer. O movimento liga-se à perda de algo – a relação primitiva com a mãe – o que causa um sofrimento que carece ser satisfeito.

Lacan (1998b), em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, propõe uma construção conceitual dessas duas instâncias através de uma escrita densa e emblemática. O essencial encontra-se na maneira como a influência hegeliana assopra sua percepção. Primeiramente, a subversão a qual Lacan se refere como principal ferramenta psíquica do sujeito: o Outro.

Lacan procurou evidenciar uma terminologia que distinguisse *outro* e *Outro*. Afirma que o Outro se refere à presença de um terceiro, isto é, do inconsciente. Ao longo de suas teorizações, assegurará o Outro como aquilo de que se trata na função da fala. Logo, o inconsciente torna-se o discurso do Outro, no qual o sujeito recebe, sob a forma invertida que equivale à promessa, sua própria mensagem esquecida. Dessa forma, a linguagem não é o instrumento, mas a condição de produção de qualquer forma de comunicação (ROUDINESCO; PLON, 1998).

O homem depara-se com sua morada no Outro. Além da imagem que o sujeito banca, seu lugar representa o lugar de ausência. O Outro, enquanto

lugar, liga-se à palavra. A mensagem enviada para o sujeito emite-se pelo Outro. Indiferentemente, o sujeito pode falar com o outro semelhante ou consigo mesmo, o interessante é sua fala demandar ao Outro para que este o escute e considere. Dessa forma, o sujeito consegue, através do Outro, dizer o que fazer e o que desejar.

Afirma Lacan (1998b) que o sujeito consegue sua constituição a partir da mensagem obtida pelo Outro. Dessa forma, partindo da idéia de que o Outro é o lugar da ordem significativa (de algo), a enunciação de autoridade pela concepção do Édipo garante o desejo do homem só adquirindo forma pelo desejo do Outro. Retomando questões anteriores, convém salientar algumas reflexões importantes. Freud propõe a seguinte questão: que é um pai? Em seguida responde: é o pai morto. Lacan configura esse pai através do Nome-do-pai. A autoridade da lei remete a um representante original, levando, assim, o sujeito a sustentar o lugar do Outro.

O Outro está diretamente ligado à função paterna. A disseminação do grande Outro não está nem no pai nem na mãe – apresenta-se na ordem da função paterna – de forma que seu direcionamento pode contrair uma diversidade de representações. Jerusalinsky (2000) consegue esclarecer, em seu texto “O desejo paterno”, que o pai apresenta-se para além de um sintoma, ou seja, em uma versão imaginária que obtém um olhar desejante concedido a um objeto que falta.

Ao discutir a diferença sexual, Lacan (1985), no seminário *Mais, ainda*, alega que homem e mulher se balizam entre si em relação a um significativo de diferença: entre função fálica do gozo para o homem e o gozo suplementar feminino. Nessa situação, o Outro passa, também, a ser entendido como o lugar em que se inscreve a diferença irreduzível para cada sujeito. Na teoria, trata-se de pensar a alteridade com base na noção de alienação à imagem especular - o outro - e de designá-lo como um si-mesmo. Ou, então, como uma representação do eu marcada pela prevalência da relação dual com a imagem do semelhante (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A sexualidade masculina notifica à mulher, na posição feminina, a vontade de considerá-la como objeto de desejo. Logo, conforme Kehl (1996), suportar o próprio desejo pode ser buscar a satisfação. Contudo, investiga-se: “afinal, o que querem os homens?”. Por conseguinte, homens e mulheres são, basicamente, uma coisa só, categoricamente separados por uma pequena diferença, negociada através da moeda imaginária e de muito apreço, chamado de amor.

Contudo, a expressão da masculinidade pode subjetivar-se a partir de uma presença pressuposta, mas que deve ser revelada. De acordo com Fink (1998, p. 77),

o homem não somente deseja *o que* o Outro deseja, mas deseja *da mesma forma*; em outras palavras, seu desejo é estruturado exatamente como o do Outro. O homem aprende a desejar *como um outro*, como se ele fosse alguma outra pessoa.

Os homens permanecem a querer o que sempre quiseram: encontrar em uma mulher toda a disposição amorosa, quase sacrificial e passiva, bem como uma capacidade de afirmar o próprio desejo e lutar por ele. Convencionou-se chamar de feminilidade essa posição imposta à mulher, aliada a uma coragem titulada de viril. A virilidade entende-se como uma invenção das mulheres a que os homens se esforçam para corresponder. No entanto, a idéia de encontrar em uma mulher a feminilidade torna-se uma projeção do desejo masculino, pois as mulheres aprendem a encarnar – como farsa – a ilusão masculina (KEHL, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A masculinidade é uma descoberta. Está sujeita a um processo de experiências entrelaçadas de dúvidas e de questionamentos. As indagações subjetivas deste tema elaboram a pesquisa psicológica e enriquecem o método psicanalítico. Por isso, a investigação norteadora desta pesquisa vinculou-se ao desejo no masculino. Nesse sentido, a introdução de uma reconstrução sistemática de conceitos e de diretrizes do pensamento psicanalítico uniu-se ao campo social e cultural.

Apsicanálise apresenta, ao longo de sua história, um arcabouço infinito de reflexões. Em primeiro lugar, podemos dizer que o cenário social reflete a marca do desejo masculino de cada tempo. Esse panorama delinea o dígito da masculinidade e a conjuntura sobre sua constituição. Evidentemente, as transformações sofridas nas relações sociais deram alguns diferentes formatos para o convívio entre os homens. As características masculinas adquirem sentido na medida em que suas modificações apresentam ao longo do tempo distinções e novas formulações. Inevitavelmente, o tempo possibilita a avaliação de conceitos e de idéias.

As conquistas das mulheres, no âmbito social e cultural, impulsionaram um processo de subversão da masculinidade. Do mesmo modo, os homens observaram as sucessões de mudanças em sociedade com um olhar afastado. As mulheres apresentaram-se para debates e desafios com o intuito de manifestar-se e reivindicar por novos espaços de atuação. Em contrapartida, os homens começaram a recuar seus comandos patriarcais, questionar suas próprias atitudes e duvidar de suas decisões. Em conseqüência disso, a diferença entre homens e mulheres cada vez

mais se torna mínima.

Os laços entre homens e mulheres reduziram as diferenças nas representações sociais. As oportunidades de empregos, as disputas de cargos, as divisões de tarefas e as responsabilidades começaram a deixar de lado a questão do sexo, em virtude do progresso feminino em arriscar decisões e de correr maiores riscos. Como decorrência disso, o masculino intimidou-se com a repercussão da conquista feminina.

Na masculinidade, a dificuldade em expressar desejos ocupa um lugar temeroso na cultura contemporânea. Nesse sentido, a encruzilhada na posição masculina estende-se sobre seus anseios e marca uma nova representação em seu desenvolvimento. O desejo na masculinidade denota hoje um embaraço. Através de uma construção implicada na negação da feminilidade (gênero), o sujeito masculino “se vestiu” de uma aparência e uma dimensão em constante afirmação.

O trajeto da masculinidade encontra-se interligado por peculiaridades relacionadas ao complexo edipiano, bem como à função paterna, pois ambas as inscrições são, permanentemente, fundamentais para a constituição do desejo na masculinidade.

A indumentária edipiana possibilita o alicerçamento da subjetividade. Nesse sentido, o complexo de Édipo endereça algo para alguém (criança) a fim de demarcar o encontro com desejos amorosos e hostis em relação aos pais. Ou seja, primordialmente, entre uma representação simbólica e um espaço psíquico adequado para o desenvolvimento do sujeito, dois tipos de sentimentos podem surgir pelas figuras parentais: amor e ódio. Nesse momento, a criança obtém uma idéia sobre seus desejos recalçados de incesto e de parricídio. O lugar paterno toma uma configuração particular no curso da masculinidade.

A função paterna transforma o sentido da busca pela completude do desejo. Esse significante “primordial” - a metáfora paterna - assume, na relação criança/mãe, o lugar de terceiro indesejado. Com isso, o interdito paterno proporciona uma incisão no desejo pueril, de tal modo que a presença do pai revela um poder fálico capacitado para inscrever a insatisfação do desejo infantil pela mãe. O pai, privando a criança do acesso à mãe, inclui uma nova direção na maneira como a criança enfrenta a angústia da privação. O registro paterno entra como elemento balizador dos desejos infantis.

Na teoria lacaniana, o Nome-do-Pai somente adquire propriedade a partir do discurso materno. A mãe possibilita o registro simbólico da intervenção paterna. Por sua vez, a função paterna adquire importância na identificação subjetiva da masculinidade, contribuindo, assim, na definição

do gênero sexual. Portanto, o Nome-do-Pai permite à criança metaforizar seu desejo. A representação metafórica do pai direciona o sujeito para um delineamento de sua própria subversão. Com isso, concebe a imagem da subjetivação, uma vez que o desejo passa a existir pela palavra, ou seja, pela instância da linguagem. Por isso, a representação do fundamento psicanalítico ascendente do inconsciente constitui-se peça-chave no laço social e simbolizante da linguagem.

Essencialmente, o masculino teme, principalmente, como decorrência do medo pelo desconhecido. Com isso, teme a própria existência, ou seja, a presença de elementos simbólicos capazes de apagar a identidade masculina intimida o desenvolvimento do desejo, de tal forma que a masculinidade receia “*de-ver*” diante da falta referencial paterna.

Em primeiro lugar, fala-se da constituição subjetiva atravessada pelo inconsciente. Essa declaração ultrapassa o significado do corpo, visto que se aproxima de uma demanda simbólica do sujeito. Assim, a partir da interpretação lacaniana do inconsciente como linguagem, pode-se dizer que esta submete o desejo ao fracasso, pois a chance da perda do objeto desejado proporciona uma sensação, na vida adulta, de incompletude.

Assim, o desejo nunca é satisfeito. Existe, porém, a possibilidade de garantir e desvendar a existência do desejo como uma criação positiva, uma vez que se torna possível estabelecer um “ato criador” na medida em que o desejo não adentra em seu objetivo. Dessa forma, afundado no campo simbólico, naufragando por um universo coberto de intermináveis sentidos, o desejo tem um destino incerto.

Em suma, o desejo representa uma ânsia de retornar alguma antiga experiência emocional no passado que já atendeu a certa necessidade e encontrou uma forma muito prazerosa. Além disso, o desejo seria uma forma de distanciar e confirmar a castração simbólica proferida pela figura paterna. Assim, o masculino difunde sua angústia através do emblema do desejo, que, por sua vez, incessantemente, procura jamais renunciar à incompletude. A masculinidade, decepcionada, altera seus objetos de desejo, que sempre revelam um engano infinito, uma vez que a expressão do desejo reside sobre um amor insustentável e a perceptibilidade desse caminho agregado de sofrimentos torna-se a principal vazão às conjunturas masculinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FINK, Bruce. O sujeito e o desejo do Outro. In: _____. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 71-92.

FONTENELLE, Maria Ida. Algumas questões sobre a masculinidade hoje. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 123, p. 20-24, abr. 2004.

FREUD, Sigmund. **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (1910). Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. **Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos** (1925). Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. v. 19. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996b.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Maria Rita (org). **Função fraterna**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

_____. Maria Rita. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, G.; PEREIRA, R. C. **Direito de família e psicanálise: ruma a uma nova epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 163-176.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JERUSALINSKY, Alfredo. O desejo paterno. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 79, maio de 2000.

LACAN, Jacques. Do Gozo. In: _____. **O seminário: mais, ainda** (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 9-23.

_____. O estágio do espelho como formador do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b.

_____. Os três tempos do Édipo. In: _____. **O Seminário: as formações do inconsciente** (1957-58), Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.185-203.

NASIO, J.-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de

Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

PEDÓ, Marta. Homens que contam. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre. **Masculinidade em crise**. Porto Alegre: APPOA, 2005.

PINHO, Gerson Smiech. Comentário “sobre um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 129, p. 20-24, out. 2004.

RICKES, Simone Moschen. Notas sobre a transmissão da diferença. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 28, p. 113-120. abril de 2005.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTUÁRIO, Luiz Carlos. **A lei do desejo: epistemologia da psicanálise lacaniana**. Caxias do Sul: Educs, 2004.